

A ofensiva do capitalismo neoliberal contra a Mãe Terra¹

The offensive of neoliberal capitalism against Mother Earth

Michael Löwy*

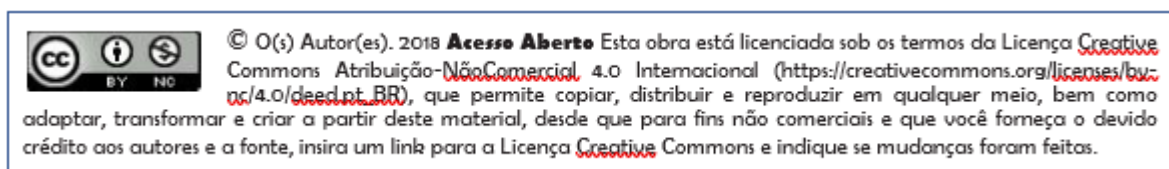
Resumo: Vivemos uma ofensiva do capital, sob a forma neoliberal, contra os serviços públicos, os pobres, os trabalhadores, as mulheres, os indígenas e, enfim, contra a esmagadora maioria da população no Brasil, na América Latina e no mundo. Este artigo concentra-se na ofensiva do capitalismo neoliberal contra a "Mãe Terra", revelando-se como uma verdadeira guerra contra a natureza e a humanidade, cujo aspecto mais dramático é a mudança climática, uma questão política e social fundamental do século XXI. O fortalecimento de alternativas antissistêmicas e radicais, como o ecossocialismo, e de experiências coletivas afirmam a possibilidade de um outro modo de vida.

Palavras-chaves: Capitalismo neoliberal; Crise ambiental e social; Mudança climática; Ecossocialismo; Lutas socioecológicas.

Abstract: We are witnessing an offensive by capital, in its neoliberal form, against public services, the poor people, workers, women, indigenous people, and ultimately, the majority of the population in Brazil, Latin America, and the world. This article focuses on the offensive of neoliberal capitalism against "Mother Earth," revealing itself as a true war against nature and humanity, with the most dramatic aspect being climate change, a fundamental political and social issue of the 21st century. The strengthening of anti-systemic and radical alternatives, such as eco-socialism, affirms the possibility of a different way of life.

Keywords: Neoliberal capitalism; Environmental and social crisis; Climate change; Eco-socialism; Socio-ecological struggles.

Recebido em: 21/03/2023
Aprovado em: 02/06/2023



¹ Transcrição da Conferência de Abertura do VII Seminário Internacional - Lutas Sociais, Ofensiva Ultraneoliberal e Serviço Social: resistências e articulações internacionais, promovido pela Faculdade de Serviço Social da UFJF. Transcrição e adaptação por Luciano Cardoso de Souza.

* Sociólogo, formado em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, com Doutorado na Universidade de Paris. Diretor emérito de pesquisas do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), na França. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5679-0927>

Introdução

Bem, primeiro eu gostaria de agradecer o convite da Faculdade de Serviço Social da UFJF, por me dar a oportunidade de realizar esse diálogo. Aliás, as faculdades de Serviço Social no Brasil estão na vanguarda de uma ciência social comprometida com as causas populares, uma coisa bastante interessante, que não existe na França, por exemplo; não tem nada parecido. Então, é realmente para mim um prazer colaborar com a Faculdade de Serviço Social nesse seminário.

Nós assistimos a uma ofensiva capitalista que tem tomado nas últimas décadas a forma do neoliberalismo, que é uma das formas, digamos, mais violenta, mais brutal do sistema capitalista. Mas o problema no fundo é o próprio sistema. Bem, assistimos então a uma ofensiva do capital, sob a forma neoliberal, contra os pobres, contra os trabalhadores, as mulheres, os indígenas, enfim, à esmagadora maioria da população no Brasil, na América Latina e no mundo, mas aqui na América Latina no Brasil em particular.

Essa é uma ofensiva contra os pobres, contra o “pobretariado”, eu diria, e contra os serviços públicos, que, para o neoliberalismo, são pura perda, puro gasto inútil: “Não precisamos de serviços públicos; existem tantos serviços privados, então para quê ter serviço público?” Há uma ofensiva já há anos contra os serviços públicos, inclusive contra o Serviço Social, naturalmente, mas há também uma ofensiva do capitalismo neoliberal contra “a nossa casa comum” – essa é a expressão do Papa Francisco: “a nossa casa comum”, isto é, a Mãe Terra. Então eu gostaria de concentrar as minhas observações nesse aspecto: a ofensiva do capitalismo neoliberal contra a Mãe Terra, isto é, contra a natureza, pois estamos testemunhando uma verdadeira guerra levada cabo pelo capitalismo neoliberal contra a natureza. Mas como nós não podemos viver sem a natureza, é uma guerra contra nós, contra a humanidade. Essa é a situação que nós estamos vivendo, quer dizer, a lógica capitalista de expansão ilimitada está levando à destruição do meio ambiente, em particular, a uma crise ecológica, cujo aspecto mais preocupante, mais dramático, é a mudança climática.

A mudança climática é, como nos advertem os cientistas do grupo internacional de estudo do clima, uma ameaça sem precedente na história da humanidade. Você pode voltar centenas de milhares de anos atrás e não vai encontrar nada parecido com o que pode se perfilar nas próximas décadas. É uma ameaça que resulta, como apontam os cientistas, das emissões com gases do efeito estufa, CO₂, metano, etc., produto da queima do petróleo, do carvão, do gás, etc., da agricultura agroindustrial, etc., aspectos que são fundamentais no sistema capitalista há dois séculos, só que com o neoliberalismo, se multiplicaram por dez. Então essa acumulação de gases na atmosfera está provocando a subida da temperatura. Dizem os cientistas

que se esse aumento de temperatura superar 1,5°C, nós vamos entrar num processo incontrollável de aquecimento global, cujas consequências são dramáticas.

Dois ou três exemplos, de processos que já começaram, que não são para daqui a cem anos, mas já começaram, como a fusão das calotas polares, os gelos da Groenlândia e da Antártida. Se o conjunto desses gelos entrar em fusão, o mar vai subir uns cem metros, mas basta ele subir alguns metros – quatro, cinco, seis metros – para que as principais cidades da civilização humana, Rio de Janeiro, Recife, Nova York, Amsterdam, Londres, Veneza, Hong Kong, etc., fiquem debaixo da água. Esse processo já começou, está se acelerando, a fusão dos gelos polares. Junto com isso, outro processo é a desertificação, que também já começou. Incêndios de florestas em grande escala pelo mundo afora. Rios secando, etc., e o aumento da temperatura, que já chegou na Índia e em outros lugares a 50°C. Quem é que pode viver com 50°C? Então se coloca a pergunta: a partir de que temperatura a vida humana já não será possível nesse planeta? É uma pergunta que se coloca, mas não temos resposta.

Entre parênteses: parece que há alguns anos atrás, o governo americano pediu ao Pentágono uma proposta sobre o que fazer, se com a mudança climática a vida se tornar impossível nesse planeta e a única proposta deles foi mandar um foguete para o planeta Marte. Nesse foguete vão o presidente dos Estados Unidos, o Congresso, o Senado, o estado maior do Exército, alguns cientistas, etc. Fazer o quê no planeta Marte? Não existe “planeta B”, o único planeta é este em que nós estamos. Então precisamos protegê-lo, ou melhor, proteger a vida humana que está sendo ameaçada.

Quem é responsável por esta catástrofe? Os cientistas não falam que é o capitalismo, eles dizem que é o atual sistema econômico. É o que diz também o Papa Francisco na Carta Encíclica Laudato si (2015), onde afirma que o atual sistema econômico globalizado em escala mundial, baseado na propriedade privada e na maximização do lucro, a qualquer preço, é responsável pela desigualdade social, pela injustiça social e pela destruição da nossa casa comum – que é a natureza – e pela mudança climática. Ele aponta bem isso. Então, o responsável é o atual sistema. Tem uma moça, que vocês devem ter ouvido falar, Greta Thunberg, uma jovem extraordinária da Suécia, que deve estar com dezessete anos agora. Ela fez várias declarações, e uma delas eu acho muito pertinente, que diz assim: *é matematicamente impossível resolver a crise ecológica, a crise do aquecimento global, nos quadros do atual sistema econômico.* É isso, está dito, em poucas palavras, é exatamente isso. Só faltou dar nomes aos bois do atual sistema capitalista na sua fase neoliberal. Essa é a situação em que nós estamos, uma situação grave, dramática. Diante disso, o que fazem os responsáveis (os governos do planeta, quase todos, com pouquíssimas exceções a serviço da acumulação do

Capital)? Eles se reúnem a cada ano nas conferências das partes, a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP), para discutir o que fazer em relação à mudança climática. Já são 26 reuniões, já fazem 26 anos que eles se reúnem. O resultado é muito próximo de zero, os resultados são declarações, algumas até boas declarações – no sentido de que precisamos fazer tudo para impedir que a temperatura suba mais de 1,5°C, mas na prática, praticamente nada.

A prova é que a acumulação de gás não só não diminuiu, mas aumentou e se intensificou. Só recuou um pouco na época da crise da pandemia de covid, mas já retomou em grande escala. Então, nada. Aliás, na última conferência das partes (2021), que teve lugar em Glasgow, na Inglaterra, o responsável pela conferência, que é um alto funcionário inglês, conservador, na hora de apresentar os resultados da conferência de Glasgow – a vigésima sexta – ele simplesmente chorou. Esse é o resumo da política dos governos, dos representantes do sistema, em última análise. É realmente de chorar. No fundo, a mentalidade dos grandes proprietários, banqueiros, proprietários de multinacionais do petróleo, etc., e todos os ramos industriais relacionados com o petróleo – a indústria automobilística, química clássica, etc. No fundo, a atitude deles é aquela do Rei Luís XV, da França. Parece que um conselheiro do Rei Luís XV – que foi o rei que precedeu a Revolução Francesa – disse: *Majestade, se a coisa continuar assim vai ter uma revolução na França*. Ele previu o que iria acontecer. Então o rei respondeu: *Olha, depois de mim, que venha o dilúvio*. Essa é a atitude dos membros da casta dirigente, em particular, o que chamo de oligarquia fóssil, ligada às empresas do carvão, do petróleo, do gás, e tudo ao que é relacionado. O interesse deles, o problema deles, é garantir o lucro deste ano, do ano que vem e pronto. O resto é que “venha o dilúvio” e ele virá se a coisa continuar assim. O que foi o dilúvio da Bíblia senão a subida dos mares que submergiu tudo? Pois é o que pode acontecer. Então essa é uma ameaça dramática, sem precedente para todos nós, para toda a humanidade. Se o responsável por essa ameaça, se o responsável por essa crise é o atual sistema capitalista na sua fase neoliberal, precisamos pensar em alternativas antissistêmicas.

Se a raiz do problema é o sistema capitalista neoliberal, então nós precisamos arrancar soluções radicais e arrancar o mal pela raiz. Precisamos atacar o problema pela raiz, e precisamos, portanto, de alternativas radicais. O ecossocialismo é uma dessas alternativas radicais, e na minha opinião, é a mais coerente. Então vou apresentar, em algumas palavras, o que é o ecossocialismo. Como diz a palavra, o ecossocialismo é uma conjunção entre as ideias fundamentais do socialismo revolucionário – com seus manifestantes mais interessantes desde Marx até hoje – e ao mesmo tempo, junto com as colocações fundamentais da ecologia – em particular, o diagnóstico da crise ecológica, etc. Marx já tinha tido a intuição de que o

capitalismo é destruidor do meio ambiente. Em *O Capital* (1983) encontramos várias passagens que apontam para isso, mas não é para ele um tema fundamental, por uma razão muito simples: não era uma questão fundamental na época dele, pois estava começando o processo de destruição do meio ambiente. De maneira nenhuma não era uma questão fundamental e por isso na obra dele, tampouco. Já hoje, a coisa mudou, quer dizer, essa questão da crise ecológica, da catástrofe que se avizinha, a mudança climática, etc., é uma questão, talvez a questão política e social fundamental do século XXI. Temos que pensar o socialismo, e também o que é o capitalismo, em termos novos, pois são desafios novos. Por exemplo, o capitalismo, do ponto de vista dos marxistas ou socialistas, é um sistema brutal de exploração, de injustiça social, e continua sendo cada vez pior. Vocês conhecem os estudos da Oxfam, que mostram que dez bilionários do mundo têm tanto patrimônio quanto metade da humanidade. É uma coisa totalmente absurda.

Além da injustiça social, o capitalismo é um sistema destruidor da nossa casa comum, da natureza, portanto da vida. Assim, também temos que entender o socialismo de uma nova forma, quer dizer, o ecossocialismo é um socialismo que entende que a ecologia não é um aspecto entre vinte e outros do programa, mas é um elemento central da nossa concepção do que é o socialismo. Então do socialismo nós retomamos colocações fundamentais, como a propriedade coletiva dos bens de produção, a planificação democrática, o poder do trabalhador, etc., mas nós colocamos agora no centro da reflexão o respeito pela Mãe Terra – a ecologia – que implica em mudanças fundamentais, implica em uma verdadeira ruptura com os fundamentos da civilização capitalista industrial moderna, em particular, na sua forma neoliberal, mas não só. Por exemplo, para começar pelas fontes de energia, precisamos acabar com o petróleo, o carvão, o gás; claro que não vai se fazer em uma semana, um processo de transição, mas precisamos sair disso antes que seja tarde demais. É uma tarefa urgente. Nós precisamos mudar também todo o sistema produtivo, toda a lógica capitalista da produção, que é a de produzir mercadorias com obsolescência programada.

O que é obsolescência programada? Eu sempre conto a história da minha avó, que tem uma geladeira que durou 40 anos. Péssimo negócio para o fabricante de geladeira. Muito melhor para ele fabricar uma geladeira que quebra depois de cinco anos, que é a obsolescência programada. Então é isso que acontece hoje em dia: todas as mercadorias são programadas para você ter que substituí-las depois de poucos anos, o mais depressa possível para eles. É a lógica do capitalismo. Um capitalista que quiser continuar produzindo bens duráveis e reparáveis vai para a falência. Só ficam os outros, que produzem os bens com obsolescência programada e não reparáveis, onde não há possibilidade de conserto e tem de se jogar fora e comprar outro.

Essa é a lógica do capitalismo, é claro. Então, precisamos sair disso, romper completamente com isso, produzir não mercadorias para lucro, mas valores de uso em função das verdadeiras necessidades da população e não das falsas necessidades criadas pela publicidade, que bombardeia constantemente “compre isso, compre aquilo”, etc. Então é uma mudança muito profunda que propõe o ecossocialismo. Na verdade, o ecossocialismo é um projeto de uma nova civilização, que rompe com a civilização capitalista industrial moderna. Uma nova civilização baseada em outros princípios – princípios de igualdade, solidariedade, respeito pela Mãe Terra – enfim, é uma outra maneira de viver, que não é a do “*American way of life*”, que o imperialismo quer estender por todo planeta.

O ecossocialismo é uma proposta radical, uma proposta revolucionária, eu diria, mas ele não vai cair do céu. Só vai acontecer se nós começarmos a luta pela mudança aqui e agora. Só se começarmos a luta aqui e agora que talvez possamos fazer virar a mesa antes que seja tarde demais, porque o tempo está ficando curto. Então é uma esperança, é uma proposta, é uma aposta, eu diria, uma aposta no sentido de Pascal, que dizia “tem coisa que a gente não pode provar, não pode garantir, mas a gente tem que apostar”. É uma aposta na qual você se engaja toda sua vida. Mas como disse, é uma luta que começa aqui e agora e a estratégia ecossocialista é promover lutas, lutas ecossociais. O que é uma luta ecossocial? É uma luta que ao mesmo tempo é ecológica e social. Vou dar um exemplo que todos conhecem no Brasil: Chico Mendes. Chico Mendes, que era um socialista, um sindicalista socialista revolucionário, que organizou aquela “Aliança dos Povos da Floresta”, que era ao mesmo tempo uma luta social, em defesa do seu trabalho, dos seringueiros, dos camponeses, dos indígenas, e era uma luta em defesa da floresta, portanto uma luta ecológica. Então esse é um belo exemplo de lutas socioecológicas, e como esta, nós temos muitas no Brasil e na América Latina.

Por exemplo, temos hoje em dia no Brasil, lutas em torno da defesa da floresta amazônica, que é uma causa fundamental. Aí temos as lutas dos indígenas, que convergem com as lutas dos camponeses pobres sem terra, as comunidades de base. Essa luta na Amazônia é importantíssima, não só para a população da Amazônia, mas para todo o povo brasileiro, porque da Amazônia é que vêm os rios de chuva que trazem água para o sul do Brasil. Se acabar a Amazônia, vai ter seca no sul do Brasil, vai ter seca, como no Nordeste ou pior ainda. Então é uma causa de todo o povo brasileiro e é uma causa de toda humanidade, porque a Amazônia, como se diz, “é o pulmão do planeta” e sem a Amazônia, a catástrofe vai se acelerar. É uma luta muito importante, é uma luta socioecológica muito importante, junto com as outras lutas de comunidades indígenas, mas também na cidade.

Vou dar um exemplo de uma luta que é socioecológica nas cidades. Há alguns anos atrás,

em São Paulo e em outras grandes cidades, houve um grande movimento de jovens, em cima de uma demanda, de uma palavra de ordem muito concreta em relação ao transporte, que é o passe livre. Como o preço do transporte está caro demais, boa parte da população pobre já não consegue pagar, sendo de péssima qualidade, tudo privatizado, verdadeiras máfias que o controlam. Então o projeto, a alternativa, é um sistema de transporte público de qualidade e gratuito. Com isso vai se reduzir muito a circulação de automóveis, que é uma das fontes de emissões de gases, porque as pessoas vão poder tomar um transporte coletivo. Essa foi uma luta socioecológica. Não triunfou, foi reprimida, mas ficou a palavra de ordem e, cedo ou tarde, vai reaparecer.

Dessas lutas socioecológicas participam jovens, trabalhadores, população pobre da periferia, camponeses sem terra e participam comunidades indígenas – que têm um papel muito importante – e participem também mulheres, que têm um papel de vanguarda, porque elas são as primeiras vítimas da crise ecológica, porque elas que vão buscar água no rio, elas que vão colher os frutos na floresta. Então as mulheres são as primeiras vítimas e não é por acaso que elas estão na primeira linha dessas lutas socioecológicas. Essas lutas, aliás, são ferozmente reprimidas pelos governos, pelos militares, pelas polícias e pelos capangas dos proprietários de terra, das multinacionais, etc. Muitas vezes os dirigentes dessas lutas são assassinados, foi que o aconteceu com Chico Mendes, como sabemos. O mesmo aconteceu com a jovem Berta Cáceres (dirigente indígena de Honduras), que organizou as comunidades indígenas para resistir contra um projeto ecocida e foi assassinada. Ela não é a única. Há outros casos que se sucedem por toda a América Latina e não só. É uma luta difícil, porque o nosso adversário é muito poderoso, ele controla a imprensa, a televisão, as fábricas, os bancos, a terra, a polícia, os governos, controlam tudo. Mas, do nosso lado, potencialmente, temos a esmagadora maioria da população que tem interesse que as coisas mudem. Então nós temos esperança. Não podemos abandonar a esperança, e como dizia Bertolt Brecht, para terminar, “quem luta pode perder, mas quem não luta já perdeu”.

Pergunta da professora Viviane de Souza Pereira (FSS/UFJF): A transformação social que buscamos, que inclui o chamado ecossocialismo, faz-se necessariamente pela construção de uma outra forma de vida, que questione combustíveis, locomoção pela cidade, indústria automobilística, agronegócio, etc. Como você vê a possibilidade de construção desse processo de transformação no tempo de aprofundamento da barbárie que estamos vivendo, onde

paradoxalmente o capitalismo parece ter tomado como nunca uma única forma de vida possível?

Michael Löwy: O capitalismo, evidentemente, o sistema capitalista, a ideologia dele é que não existe outra forma de vida que não seja a capitalista. Já Margaret Thatcher tinha uma fórmula célebre, que em inglês é TINA – que são as iniciais de “*There is no alternative*” – não tem alternativa, o capitalismo é o único sistema possível. Só que isso é absurdo. A humanidade conheceu vários modos de produção, vários sistemas desde a Antiguidade até hoje, que foram se sucedendo. Nenhum sistema é o único possível, nenhum sistema é eterno; todos eles são produto histórico.

Então, se o capitalismo é um produto histórico ele também pode ser historicamente superado pelo processo histórico; mas isso é uma batalha política, uma batalha cultural, uma batalha ideológica: convencer as pessoas de que outro modo de vida é possível. Essa batalha a gente leva com palavras, com discursos – como eu estou fazendo agora – com livros, com folhetos, com artigos, etc., mas também com experiências vividas. As pessoas que se organizam numa cooperativa agroecológica, por exemplo, do MST no Brasil, estão fazendo a experiência que é possível viver de outra maneira. Claro, você não está completamente fora do sistema, mas você está vivendo de outra maneira e, como essa, há muitas outras experiências. Além disso, também no curso das lutas, as pessoas sentem que nesse processo de luta estão se dando outras formas de viver em conjunto. Então é uma experiência de solidariedade, uma experiência de igualdade. Essas experiências são muito importantes.

Precisamos combinar os dois: o trabalho de educação – trabalho de educação popular, no sentido de Paulo Freire, que é muito importante – e um trabalho de organização das lutas e das experiências emancipadoras, que são parte desse combate para quebrar o monopólio ideológico, cultural, do sistema. Nós queremos também, através dessas lutas, provar de que é possível se viver de outra maneira. Por exemplo, essa luta que mencionei, do passe livre, é uma maneira de você provar que o automóvel não é único meio de transporte. Aliás, a maioria da população brasileira não tem automóvel, então não passa por aí. Através das experiências da agricultura camponesa, de cooperativas agroecológicas, etc., você tá mostrando que o agronegócio não é a única maneira de você cultivar a terra. Aliás, no caso do Brasil, o que o agronegócio produz? Ele produz commodities para o mercado mundial, quer dizer, produz gado – que vai para os McDonald's do mundo – e produz soja para engordar os porcos, também nos Estados Unidos, na Europa, etc. Enquanto isso, o povo come arroz e feijão, que é produzido pela agricultura camponesa. Essa que é a realidade. Nós precisamos romper com esse modo de produzir e de consumir. Precisamos apontar para a possibilidade de um outro modo de vida,

através das lutas, das experiências localizadas, através de um trabalho de explicação e de educação popular. É uma tarefa grande, mas eu acho que nós temos a possibilidade de avançar, porque por mais que a classe dominante controle todos os meios de comunicação, mesmo assim a opinião da população, dos trabalhadores, dos pobres, das mulheres, muitas vezes escapa desse controle. Nós temos visto muitos exemplos na América Latina. Na Bolívia se elegeu um presidente, que era o Evo Morales, que não estava de jeito nenhum nos quadros da doutrina capitalista neoliberal. Ele não conseguiu fazer tudo o que queria, mas, enfim, o povo boliviano mostrou que podia fazer o contrário do que diziam a imprensa, a televisão, os meios de comunicação. Essa batalha é difícil, mas não é impossível. Então temos que avançar nesse caminho.

Referências bibliográficas

- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato si: sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural (Os Economistas), 1983.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 26). Glasgow, Reino Unido, 2021.